

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

Director—BRANCO RODRIGUES

REDACÇÃO Livraria J. A. Pacheco Rocio—Lisboa	REDACTOR ALVARO COELHO	PREÇO DO VOLUME Um anno—12 numeros 500 réis
---	----------------------------------	--

INSTITUTO DE SURDOS-MUDOS E CEGOS

por José Silvestre Ribeiro

(Continuação)

Fr. Matheus da Assumpção Brandão, no elogio que no anno de 1826 recitou, em obsequio da memoria de el-rei D. João VI, disse, com referencia áquelle soberano, o seguinte:

«A mesma instrucção publica recebeu neste periodo apreciaveis beneficios, particularmente na melhor disposição dos estudos de marinha e cirurgia, na instituição de um curso de Fysica e Chimica estabelecido na casa da moeda d'esta capital; e na da *filantrópica escola dos surdos-mudos tão a proposito creada para tornar prestaveis á sociedade esses infelizes da nossa especie, que a natureza haja privado dos orgãos da communicação das idéas*¹».

¹ Elogio necrológico do muito alto e muito poderoso imperador e rei o senhor D. João VI recitado em sessão publica na Academia Real das Sciencias de Lisboa aos 10 de setembro de 1826 pelo doutor fr. Matheus da Assumpção Brandão, socio da mesma Academia, Lisboa 1828.

E assim foi. A fundação do primeiro Instituto de Surdos-mudos e Cegos em Portugal, data do anno de 1823, e é devida á generosidade de el-rei D. João VI.

Á custa da sua propria fazenda, ou, como se diz ordinariamente, do seu bolsinho, forneceu aquelle soberano os recursos necessarios para se estabelecer, no indicado anno de 1823, uma escola de surdos-mudos, em uma casa e quinta das vizinhanças de Lisboa, junto do collegio da Luz, debaixo da especial protecção da senhora infanta D. Izabel Maria.

Parece que el-rei D. João VI entrára por aquelle tempo na posse de uma extraordinaria doação hereditaria; e que dos avultados fundos que lhe provieram d'aquella abundante fonte, fizera generosas applicações, não só para o estabelecimento do Instituto de que ora tratâmos, senão tambem para outros pios destinos.

Diz Freire de Carvalho, que estes bellos rasgos de munificencia de el-rei D. João VI «foram communicados — a elle Freire de Carvalho — por um dos dignos ministros de estado, por cuja repartição correram a maior parte d'estas philanthropicas applicações¹».

No terreno em que estamos collocado seria uma falta de justiça deixar de pagar um tributo de louvor ao soberano, que tão nobre e virtuosamente empregava cabedaes, que muito á vontade podia enthesourar, sem que o mundo soubesse.

Para o estabelecimento e direcção d'esta Escola ou Instituto mandou el-rei, o senhor D. João VI, vir da Suecia um director e mestres, debaixo da direcção dos quaes viveu e prosperou muito o mesmo Instituto, distinguindo-se tambem um portuguez, José Chrispim da Cunha, que se instruíra e formára naquella especialidade de ensino, com os indicados mestres estrangeiros.

«Ainda hoje (disse o habil administrador da Casa Pia, José Maria Eugenio), ainda hoje (1860) se encontram homens privados da vista ou da falla,

É lastima que este *Elogio* esteja escripto em estylo declamatorio, e um tanto á maneira de sermão; ainda, porém, lamento mais que o academico se não demorasse em escrever o que dizia respeito á instrucção publica d'aquelle reinado, fallando, como fallava, diante de uma corporação scientifica.

¹ Veja *Primeiro Ensaio sobre Historia Litteraria de Portugal, desde a mais remota origem até o presente tempo*, por Francisco Freire de Carvalho. Lisboa, 1845, pag. 219.

que aprenderam n'aquelle estabelecimento tudo o que se lhe pôde ensinar com o auxilio de methodos maravilhosos, que hão sido empregados para esse fim¹.

Compulsando a *Gazeta de Lisboa* dos annos de 1823 e 1824, encontrei algumas indicações, de que me cumpre dar noticia aos leitores.

Em primeiro lugar encontrei um annuncio, com o titulo de — Participação aos paes ou parentes de surdos-mudos — assignado por P. A. Borg, secretario de S. M. el-rei da Suecia e da Noruega, fundador e chefe do Instituto de Surdos-mudos em Stokolmo.

O annunciante fazia saber que havia chegado a esta côrte, em consequencia das benignas reaes disposições de sua magestade fidelissima, para fundar um estabelecimento de instrucção em beneficio dos infelizes que desde a infancia estão privados das preciosissimas faculdades de ouvir e fallar, ou da vista.

Convidava os paes ou parentes d'aquelles infelizes a consulta-lo, ou a solicitar informações sobre o tratamento e ensino de creaturas que tamanha lastima excitam; e declarava que o achariam prompto para lhes commu- nicar, do modo mais amplo, tudo quanto a sua experiencia e conhecimentos, neste particular, lhe podesse franquear.

Convidava tambem a dirigirem-se a elle as pessoas cegas, de qualquer estado que fossem — que desejassem aprender, dentro de pouco tempo, a escrever — para adquirirem esta instrucção e faculdade.

Depois do annuncio, dizia o redactor da *Gazeta*, que o cavalheiro de Borg se dedicára inteiramente ao allivio da humanidade, sacrificando a sua fortuna, tempo, serviços e commodidades da vida ao ensino dos infelizes surdos mudos e cegos. — Que a confiança, que aquelle estrangeiro merecia, podia ser abonada pelos progressos que varios portuguezes do corpo diplomatico presenciaram no Instituto por elle fundado em Stokolmo.

Na *Gazeta de Lisboa* do anno de 1824 encontrei transcripto, do *Granskaren* (Indagador) de Stokolmo, um curioso artigo, no qual se descreve a vi-

¹ Relatorio da administração da Casa Pia de Lisboa de 20 de setembro de 1859 a 31 de outubro de 1860, apresentado a S. Ex.^a o Ministro do Reino pelo Provedor José Maria Eugenio de Almeida.

sita que a rainha da Suecia fizera no dia 15 de julho de 1823 ao Instituto fundado por P. A. Borg, na mesma cidade de Stokolmo, e são tecidos os maiores elogios ao philanthropico estabelecimento.

Depois de transcrever aquelle artigo, dizia o redactor da *Gazeta de Lisboa*:

«Por este artigo verão os nossos leitores quanto bem deve resultar aos infelizes surdos-mudos portuguezes da magnanima resolução de El-Rei Nosso Senhor em mandar convocar da Suecia o illustre Professor que ali estabeleceu aquelle tão util Instituto; e esperamos que todos os que tiverem filhos ou parentes em idade propria (até ao numero que o estabelecimento pôde admittir) se apressarão em gosar d'este beneficio.»

Encontrei tambem um Edital da *Intendencia Geral da Policia*, dos fins de fevereiro de 1824, concebido nos seguintes termos:

«Havendo-se S. M. dignado encarregar a Intendencia Geral da Policia da habilitação dos cegos, surdos e mudos, que devem gosar do instituto que para o ensino d'elles a Sua Real Piedade lhes tem mandado estabelecer no sitio da Luz, freguezia de Carnide; pela mesma Intendencia se faz publico que sendo expresso nas Reaes Ordens de S. M. a similhante respeito, que os surdos, mudos e cegos, que pretenderem ser recebidos no dito estabelecimento, devem ter a mesma idade e circumstancias, que se exigiriam para ser admittidos na Casa Pia, por isso que de futuro serão considerados como seus alumnos; convém que as pessoas a cujo cargo estejam individuos nas circumstancias de aproveitar-se de tal beneficio, apresentem na mesma intendencia, até ao ultimo dia do presente mez de fevereiro, as competentes certidões de taes individuos serem pobres, orphãos, especialmente de pae, e estarem dentro da idade de 7 a 14 annos, sendo do sexo masculino, e 5 a 10, sendo do feminino, em ordem a que se possam mandar matricular na Casa Pia e proceder a seu respeito em conformidade das benignas intenções do Mesmo Augusto Senhor¹».

No 1.º de novembro de anno de 1823 convidou o governo um portuguez para ajudante do professor estrangeiro que se esperava.

¹ Veja a *Gazeta de Lisboa* n.º 306, de 27 de dezembro de 1823; n.º 8, de 9 de janeiro de 1824, e, em um dos ultimos numeros do mez de fevereiro do mesmo anno, o edital que deixamos registado.

Quando chegou este professor, foi logo destinado para o estabelecimento do Instituto o palacio do conde de Mesquitella, no sitio da Luz, sob a dependencia da administração da Casa Pia.

Por esta repartição foram estabelecidos os ordenados de Pedro Aron Borg, cavalheiro sueco, director do Instituto de Surdos-mudos e Cegos de Stokolmo,—e bem assim de João Hermano Borg, irmão d'aquelle e seu ajudante, e dos demais empregados escolhidos pelo administrador da mesma Casa Pia.

No principio de março de 1824 começou a admissão de alumnos e de mestres.

Infelizmente o cavalheiro Borg teve logo motivos de desgosto, da parte da administração da Casa Pia, que o obrigaram a dirigir-se ao governo pedindo, ou a independencia do Instituto, ou passaporte para voltar á Suecia.

O governo decretou a independencia do Instituto, arbitrou a dotação annual de 4:800\$000 réis, pagos pela repartição do thesouro publico, para sustentar um estabelecimento, destinado a alimentar, vestir e educar doze alumnos, sendo oito meninos e quatro meninas.

Ao director ficava pertencendo toda a administração litteraria e economica do Instituto; sendo commettida a fiscalisação da mesma ao conselheiro Jacob Frederico Furtado Pereira de Azambuja.

Passado tempo, apresentou-se ao cavalheiro Borg o cidadão portuguez José Chripim da Cunha, e foi recebido como discipulo do director.

Direi por esta occasião que José Crispim da Cunha foi repetidor e terceiro professor sob a direcção de Pedro Aron Borg, e ajudante e segundo professor sob a direcção do successor d'aquelle João Hermano Borg.

Em 13 de janeiro de 1825 foi o estabelecimento visitado pelo ministro do reino, que então era o marquez, depois duque de Palmella, á influencia e desvelos do qual devia a sua existencia aquella caritativa instituição.

A economia do ensino era a seguinte:

Nos dias não santificados havia lições desde as oito horas e meia da manhã até ás dez, e desde as onze até á uma da tarde.

De tarde ensinava-se aos alumnos do sexo masculino o desenho e alguns officios mechanicos,—para o que havia os competentes mestres.—As meninas aprendiam os labores proprios do seu sexo.—Havia tambem ensino de musica.

(Continúa)

D. JOÃO VI E O ENSINO DOS CEGOS

Foi devido á magnanimidade d'este soberano, geralmente lembrado por aspectos desvantajosos; que se fundou em Lisboa, no palacio do conde de Mesquitella, na Luz, o primeiro Instituto de Cegos e Surdos-mudos, inaugurado no anno de 1823, sob a protecção da infanta D. Izabel Maria.

Para esse fim mandou vir D. João VI, a expensas suas, da Suecia, o director do Instituto de Stockolmo, P. A. Borg.

O erudito escriptor sr. José Silvestre Ribeiro, na sua *Historia dos estabelecimentos scientificos e litterarios de Portugal*, escreve ácerca d'esta instituição humanitaria o seguinte:

«Quando apenas tinha havido nove meses de ensino apresentou Borg dois alumnos a el-rei D. João VI e á senhora infanta protectora.

Effectuou-se a apresentação no dia 22 de outubro de 1825, em Mafra, onde então estava a côrte.

Dos dois alumnos surdos-mudos, um, Francisco Manuel da Costa e Sousa, era natural de Lisboa e tinha doze annos de idade; o outro, Augusto de Castro, tinha dez annos de idade.

Empregando as proprias palavras da *Gazeta de Lisboa* direi que «deram elles provas dos progressos que tinham feito no desenvolvimento de suas faculdades intellectuaes, expressando por escripto mui correctamente os objectos que se lhes mostravam, articulando os seus nomes; copiando o que o professor lhes dictava; executando as funcções que lhes prescreviam por escripto; resolvendo varios exemplos de arithmetica, e finalmente fazendo conhecer quão poderosamente a arte, auxiliada pela humanidade e perseverança, é capaz de restituir estes antes tão desgraçados entes e desvalidos filhos da natureza, do estado do mais completo embrutecimento e densa escuridade do entendimentó em que jaziam, á perfeita intelligencia dos conhecimentos, que os devem dispor para a fruição de todas as felicidades temporaes e espirituas, de todo o prazer e conforto da vida social, para que a infinita bondade de Deus creou os homens, formando-os para se amarem e socorrerem mutuamente, e aspirarem de commum accordo áquella sublime perfeição, que é a unica vereda da gloria a mais eminente, pura e indestructivel».

Deixei fallar muito á vontade o redactor da *Gazeta de Lisboa*, porque se trata de um assumpto que muito interessa ao coração.

O redactor elogiava depois o zêlo do cavalheiro Borg e dos dois professores que o auxiliavam, isto é, o irmão d'aquelle, João Hermano Borg, e o repetidor José Chispim da Cunha.

Tanto el-rei, como todas as pessoas da familia real e a côrte, deram demonstrações de muito agrado, por verem o fructo que tão cedo era produzido pela tenra arvore de tão recente data plantada.

Se me demorei na recordação do que occorreu em Mafra não foi porque me deslumbrem os fulgores palacianos, mas sim porque se trata de uma festa litteraria, summamente grata e tocante, na qual tomaram parte augustos personagens de um modo que lhes fazia grande honra.

Se os soberanos e as suas familias se occupassem mais de assumptos, graves qual era este, do que de passatempos frívolos, muito haveriam lucrado os povos.»

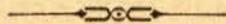
Este estabelecimento deixou de existir no anno de 1834, em que foi incorporado na Casa Pia. É de crer que ao cabo de cerca de setenta annos, em que se tem descurado por completo o ensino dos cegos em Portugal, o governo se lembre de o instituir de novo, agora que vae ser reformada a instrucção primaria.

As creanças privadas de vista teem tanto direito ou mais de saber do que as que o não são.

Por isso fazemos votos para que este importante ramo de ensino seja posto em pratica no nosso pais, o unico da Europa onde elle não existe officialmente, apesar de ter sido um dos primeiros que o estabeleceu.

BRANCO RODRIGUES.

(Da *Vanguarda*, de Lisboa.)



CURSO DO «JORNAL DOS CEGOS»

O sr. conselheiro Elvino de Brito assignou um despacho concedendo ao director do *Jornal dos Cegos*, sr. Branco Rodrigues, um andar no edificio da Escola Industrial Rodrigues Sampaio, para ali ser installado um Curso para ensino intellectual e profissional dos cegos, fundado e dirigido por aquelle nosso collega.

O sr. Branco Rodrigues resolveu inaugurar brevemente aquelle Curso, que durará até que o governo crie o «Instituto Nacional de Cegos», cujo projecto está sendo estudado pela direcção geral de instrucção publica.

O corpo docente d'este Curso é composto pelos srs.:

Director, Branco Rodrigues;

Vice-director, Alvaro Coelho, professor da Escola Rodrigues Sampaio, que generosamente se encarregou do ensino geral dos cegos;

Professor cego, Marcos Barreiros, encarregado do ensino technico;

Professora cega, D. Luiza Guimarães, para o ensino da musica, pelo systema universal de Braille;

Mestre das officinas de cesteiro e palheiro, o cego Adolpho Lobato.

Está aberta a matricula na redacção do *Jornal dos Cegos*, ao Rocio.

Admittem-se cegos de ambos os sexos e de qualquer idade. Não se exigem documentos. As aulas são diurnas. O ensino é gratuito.

(Do *Diario de Noticias*, de Lisboa.)

A sr.^a D. Maria da Madre Deus Pereira Coutinho encarregou-se generosamente de escrever em relevo, pelo systema universal de Braille, os livros necessarios para o ensino geral d'este Curso. Os primeiros livros escriptos por aquella caridosa senhora, são as *Leituras portuguezas*, de Adolpho Coelho, adoptadas oficialmente nos lyceus, e o *Methodo gradual de calculo*, de Branco Rodrigues.

Já se matricularam n'este Curso: Thereza Lopes, de treze annos; Alfredo Antonio Fernandes, de onze annos; João Maia, de doze annos; Domingos Maria do Nascimento, de dezeseis annos; Francisco Fernandes, de quarenta e dois annos.

A matricula continua aberta na redacção do *Jornal dos Cegos*, ao Rocio. Admittem-se cegos de ambos os sexos e de qualquer idade. Não se exigem documentos. O ensino será gratuito.

(Do *Diario de Noticias*, de Lisboa.)



INDUSTRIA DOS CEGOS—CEGOS PALHEIREIROS

Na redacção do *Jornal dos Cegos* recebem-se encommendas das pessoas que desejarem proteger a industria dos cegos.

Quem tiver cadeiras para empalhar, basta enviar os seus nomes e moradas para a séde da redacção d'este jornal, ao Rocio.

Os proprios cegos irão buscar as cadeiras a casa dos freguezes, onde as levam depois de promptas. O trabalho é perfeito e rapido.